
Memória de um Estágio em Arquivologia

Notas e ideias para uma pesquisa em aberto

ARMANDO B. MALHEIRO DA SILVA

Universidade do Minho

O texto que aqui se publica é uma versão reduzida e melhorada do *Relatório* da Bolsa de Curta Duração Concedida pela Secretaria de Estado da Cultura para a Realização de um Estágio no Domínio da Arquivologia na École Nationale des Chartes de Paris, de 23 de Abril a 23 de Junho de 1990, concluído e entregue em finais de Julho do mesmo ano.

Convirá, no entanto, esclarecer desde já que o estágio a que esse *Relatório* se refere não deve ser confundido com o Estágio Internacional, que se realiza todos os anos nos Archives Nationales (Paris) com uma agenda de pendor técnico-arquivístico pensada para um período de três meses. O estágio a que me candidatei aproximou-se muito mais do figurino das visitas de estudo e de pesquisa subordinadas a uma problemática específica e orientadas por um especialista.

Definição dos objectivos

O meu projecto tinha, de facto, um objectivo preciso: analisar a criação de um Centro de Estudos Arquivológicos no seio de Universidades portuguesas que ministrem Cursos de Especialização em Ciências Documentais e/ou que possuam Arquivos públicos, como é o caso do Arquivo Distrital de Braga/Universidade do Minho, a que estou profissionalmente ligado desde 1983. Mas por detrás de um objectivo tão concreto escondia-se a vontade — forjada intuitivamente — de desfazer a crónica equivocidade terminológica (traduzida pela existência de dois termos — Arquivologia e Arquivística — para um só significado) através da retoma da análise de um velho problema-tabu: a Arquivística é uma ciência ou uma técnica? Dito de outro modo, poderá a Arquivologia

existir como ciência? Ou ainda, onde começa esta e acaba aquela?

O meu projecto tinha, de facto, um objectivo preciso: analisar a criação de um Centro de Estudos Arquivológicos.

Como se vê, o desafio que me esperava era bem mais complexo e aliciante do que à primeira vista poderia parecer. Por outro lado, devo confessar que a escolha da École Nationale des Chartes para sede das minhas análises epistemológicas e para campo próprio de desafios dessa natureza nasceu, apenas, da curiosidade em perceber melhor o verdadeiro espírito de uma escola quase só conhecida entre nós pela fama do seu ensino positivista da Paleografia e Diplomática Medievais, apoiado numa das melhores colecções de *fac-similes* existentes em todo o mundo. E a princípio nem sequer suspeitei da influência que o tipo de ensino aí feito e a orientação generosamente facultada pelo Prof. Bruno Delmas viriam a exercer no meu pensamento arquivológico. Só à medida que o estágio foi decorrendo e, sobretudo, após o meu regresso é que se tornou claro para mim que essa vetusta e *sui-generis* Escola de Arquivistas-Paleografos se impõe, talvez, como a única que forma em todo o mundo Arquivólogos potenciais (e não meros Técnicos Arquivistas), mas sem tirar disso os

necessários dividendos epistemológicos.

Métodos e materiais

Foi, pois, aí que dei início a um intensivo programa de trabalho marcado pelos seguintes pontos:

1. Consulta sistemática na Biblioteca da École Nationale des Chartes de periódicos e livros relativos a: a) História, funcionamento e evolução da École des Chartes e, em particular, as novas investigações levadas eventualmente a cabo nos vários domínios temáticos aí cultivados; b) Teoria arquivística e revisão epistemológica desta disciplina; e c) Centros de investigação em matéria arquivística e arquivológica.
2. Discussão e análise com o Prof. Bruno Delmas dos elementos e ideias resultantes da pesquisa indicada no ponto anterior.
3. Escolha criteriosa de Arquivos e Organismos Científicos que conviria visitar.

Concluída a pesquisa sobre a alínea a) do ponto 1, no final da primeira semana de Maio de 1990, procedi de imediato a um cuidadoso levantamento dos ficheiros (periódicos e monografias) da Biblioteca da Escola, de que resultou uma listagem

de espécies obrigatoriamente consultáveis.

Comecei naturalmente pelos periódicos, dada a riqueza teórica e a variedade do seu conteúdo e dada ainda a dificuldade de encontrar em Portugal as colecções completas das principais revistas europeias e americanas da especialidade¹. A sua consulta sistemática (isto é, do primeiro ao último número) permitiu recensear um conjunto significativo de textos de apoio ao projecto em foco. E o mesmo poderei dizer no tocante a livros e opúsculos aí catalogados².

A inserção da pesquisa e estudo de todo este material informativo nas reuniões quinzenais com o Prof. Bruno Delmas fez-se em torno, sobretudo, de duas prioridades:

- 1.^a Fundamentar e modelar a criação de Centros de Investigação em Arquivologia.
- 2.^a Rever a problemática epistemológica subjacente: Arquivologia *versus* Arquivística.

Para desenhar a abordagem à primeira prioridade adoptei um esquema operativo (germen eventual de futuros organigramas) assente em três princípios:

- 1.º O Centro de Estudos Arquivológicos (CEA) pode funcionar dentro do espaço orgânico de um Arquivo distrital e/ou Universitário, embora se deva admitir que o vínculo ideal pren-

de-o às Faculdades de Letras e aos Cursos de Especialização em Ciências Documentais.

- 2.º O CEA deverá incluir a existência de uma carreira própria de investigação (ver, a este propósito, o Decreto-lei n.º 68/88 de 3 de Março) a par de colaboradores externos.

- 3.º Ajustar-se-á bem ao CEA uma estrutura modular composta de tantos laboratórios (ou grupos específicos de trabalho dotados dos meios essenciais) quantos os principais segmentos do objecto material da disciplina científica — a Arquivologia — que lhe dá razão de ser.

Desfazer a crónica equivocidade terminológica, traduzida pela existência de dois termos — Arquivologia e Arquivística — para um só significado.

Fundamentaram bastante estes princípios os dados obtidos em algumas visitas feitas a três Institutos de investigação — uma parte dela potencialmente arquivológica: o Institut de Recherche et d'Histoire des Textes [40, Avenue d'Iena, 75116 Paris], o Institut des Textes et Manuscrits Modernes [61, rue de Richelieu, 75084 Paris] e o Institut d'Histoire du Temps Present [44, Rue de l'Amiral Mouchez, 75014 Paris].

Visitas de Estudo

Vejamus rapidamente o que pude apurar sobre cada um destes organismos de investigação, ligados todos eles ao Centre Nationale de Recherche Scientifique (CNRS).

O IRHT propõe-se, desde a sua criação em 1937, estudar a transmissão dos textos antigos e sua difusão sob todas as formas (impresa, fotográfica, informática), da Antiguidade à Renascença, explicar como se foi forjando o pensamento medieval e como ele foi sendo expresso nos manuscritos — esses velhos livros escritos à mão e recopiados por cada geração antes da invenção da imprensa e que contêm nas suas páginas a riqueza da escrita e da ilustração. Ao perseguir estes objectivos o IRHT não apenas se estruturou no sentido de obter uma grande eficácia investigativa, como também procurou reunir no seu seio, através sobretudo da microfilmagem, o maior número possível de manuscritos. Hoje a sua Biblioteca — a maior do género em todo o mundo — conserva 37 000 reproduções de manuscritos medievais.

Relação intelectual e, também, orgânica entre o texto produzido e o universo próprio do sujeito produtor.

Em termos orgânicos e para além da sua ligação ao CNRS conta com um

Director, um Comité Científico (responsável pela política geral do Instituto) e um Conselho de Laboratório (órgão que representa e veicula os interesses e problemas dos vários grupos de trabalho), compreendendo a existência de dois Centros: o Centre Félix Grat (em Paris) e o Centre Augustin-Thierry (em Orleães). O primeiro compõe-se de Secções Linguísticas (a Latina, a Grega, a Romana, a Árabe, a Hebraica, a Eslava e a Céltica), as Secções Temáticas (Paleografia Latina, Codicologia, Heráldica, Paleografia Hebraica e Humanismo) e Fontes de História Medieval (fontes narrativas diversas). O segundo engloba apenas as Fontes de História Medieval (Grupo de Pesquisa das Fontes Narrativas Bizantinas, Secção das Fontes Documentais, Secção de Iconografia e Secção de Musicologia, Antiguidade, Idade Média, século XVI). Comuns a estes dois Centros funcionam os seguintes Serviços: Secretaria Geral, Serviço de Requisição de Microfilmes, Serviço de Leitura, Filmoteca, Fotografia, Informática, Publicações e Biblioteca.

Da orgânica exposta retive como modelar a estrutura do Conselho de Laboratório com os seus dois Centros de Pesquisa. Do conteúdo funcional aí assumido considereei altamente inspiradora para a eventual fixação do campo disciplinar da Arquivologia a análise (sincrónica e diacrónica) feita pelo IRHT sobre a relação intelectual e, também, orgânica (entenda-se estrutural) entre o

texto (e/ou documento) produzido e o universo próprio do sujeito (e/ou entidade) produtor. Foi ainda importante para mim perceber que a salvaguarda, ordenação e difusão (sob quaisquer formas) de textos/documentos não pode ser vista como uma finalidade exclusiva ou absoluta, mas apenas uma condição *sine qua non* para se conhecer, antes de mais, o que esses textos/documentos são (reside nisto, em meu entender, a justificação epistemológica da Arquivologia) e indagar, depois, com perspicácia o que eles dizem (tarefa própria da História, da Linguística e de muitas outras ciências sociais e humanas).

A salvaguarda, ordenação e difusão de textos/documentos não pode ser vista como uma finalidade exclusiva.

De criação muito mais recente que a do anterior, o ITEM teve a sua origem numa pequena equipa de pesquisa criada pelo CNRS, em 1986, para apreciar o estado dos manuscritos de Heine, adquiridos pela Bibliothèque Nationale em 1966. A partir de 1974, essa equipa, já associada aos especialistas de Proust, foi transformada em Grupo de Pesquisa e adoptou o nome de Centre d'Histoire et d'Analyse des Manuscrits Modernes. Assinou protocolos, em 1975 e 1977, com a École Normale Supérieure e a Bibliothèque Nationale. E ao longo das décadas de 70 e 80

juntaram-se-lhe as equipas Zola, Valéry, Nerval-Baudelaire, Joyce e Sartre, tendo sido criadas, em 1986, mais duas equipas transversais: Manuscris et Champ Culturel e Manuscris et Linguistique. Toda esta unidade passou, em 1982, a gozar da categoria de «Laboratório próprio» e a chamar-se ITEM. Renovado em 1986, aguarda actualmente a sua segunda reorganização.

Do respectivo Organigrama deduz-se a seguinte estrutura: 1 Director e 1 Director Adjunto; Secretaria e Gestão; Documentação e Comunicação; e Operações de Pesquisa:

- I. Operações Técnicas, que compreendem a Codicologia, a Óptica e a Informática;
- II. Pesquisas Transversais, com a Crítica Genética e Edição, os Manuscritos e Campo Cultural e os Manuscritos e Linguística
- III. Pesquisa em Corpus, para o século XIX (Equipa 7-Nerval-Baudelaire; 8-Zola; e 9-Flaubert) e para o século XX (Equipa 10-Proust; 11-Valéry; 12-Joyce; e 13-Sarte). Dispõe de 140 funcionários (entre investigadores e pessoal administrativo).

Conhecer o que esses textos/documentos são (reside nisto, em meu entender, a justificação epistemológica da Arquivologia).

São seus objectivos (ou missão científica): analisar o documento autógrafo no movimento próprio da escrita para compreender os mecanismos da produção; elucidar o processo criativo do escritor e os factores que permitiram a emergência da obra; e elaborar os conceitos, métodos e técnicas que permitem explorar cientificamente o precioso património composto pelos manuscritos conservados nas colecções e arquivos.

Embora seja um trabalho naturalmente de filólogos e de linguistas, afigurou-se-me um bom paradigma para o Arquivólogo se se definir este como o cientista que através de um método rigoroso (descrição exacta, sistemática e reconstitutiva) consegue estudar a génese, a forma e a finalidade das séries documentais orgânicas (em suma, o seu objecto material básico), ultrapassando, assim, o nível meramente técnico-arquivístico da sua triagem, ordenação, classificação, inventariação, catalogação e colocação definitiva.

O terceiro e último Instituto que visitei — o IHTP — é de todos o mais novo, pois foi criado em 1978 por decisão conjunta do Primeiro Ministro e do CNRS, incidindo desde essa altura sobre a História Oral, para cujo desenvolvimento vem dando importantes achegas materiais (recolha de depoimentos e de bibliografia especializada) e teóricas (promoção do estudo da História das políticas públicas e da decisão em França e no estrangeiro após 1930).

Um bom paradigma para o Arquivólogo se se definir este como o cientista que através de um método rigoroso consegue estudar a génese, a forma e a finalidade das séries documentais orgânicas.

Quanto à sua estrutura interna o IHTP não difere muito dos precedentes. Como principal novidade apresenta a existência de uma rede de correspondentes departamentais que herdou do Comité d'Histoire de la 2^{ème} Guerre Mondial (antigo representante da França no Comité International d'Histoire de la 2^{ème} Guerre Mondial) e que consiste na participação voluntária e gratuita de colaboradores (na sua maioria professores do Ensino Secundário dispersos pelos vários departamentos/distritos franceses) tendente a possibilitar a resposta a inquéritos colectivos concebidos pelo IHTP, em particular sobre o período de 1939-1945. Demarca-se ele ainda dos Institutos atrás referidos pelo modo renovador como integrou os principais traços da sua actividade³. Um modo em que prevalece o espírito do trabalho em equipa, obviamente imprescindível no almejado Centro de Estudos Arquivológicos.

Esboço de um modelo concreto

A extensão lógica dos três princípios atrás vistos, fundamenta-

dos pelas visitas de estudo efectuadas e enriquecidas com os poucos modelos de que encontrei notícia impressa, levou-me a esboçar um figurino básico algo próximo destes últimos. Porém, trata-se apenas de uma aproximação relativa. Com efeito, tanto o Centre de Recherches en Documentation, Bibliothéconomie et Archivistique de Tunis, como o Centro sobre Problemas Profissionais e Técnicos (anexo ao Pokrajinski Arhiv de Maribor, Eslovénia, Jugoslávia) ou ainda como o Centro Interamericano de Desarrollo de Archivos (fundado pelo conhecido teórico argentino Aurélio Tanodi e ligado à Universidade Nacional de Cordoba), embora constituam estruturas claramente vocacionadas para o estudo da problemática dos Arquivos e para a formação profissional de arquivistas, acabaram por não superar o estreito círculo técnico e respectivo esquema prático de profissionalismo.

O modelo de Centro de Estudos Arquivológicos (CEA) que ousou propor está, assim, próximo e distante dos organismos afins supracitados.

Próximo e aberto quanto à concepção da estrutura e à definição do tipo de funcionamento. Os principais traços orgânicos observados, por exemplo, no IRHT, no ITEM ou no IHTP podem-se-lhe aplicar com ligeiras adaptações:

- uma Direcção, própria ou a mesma da entidade a que o CEA estiver ligado.

- uma Comissão Científica, composta pelos Chefes dos Laboratórios em que assenta a actividade investigativa e formativa do CEA e destinada a ajudar o Director na calendarização dos programas ou projectos de investigação, dos cursos, seminários e outras acções de carácter formativo.

- o apoio de Serviços essenciais, como uma Secretaria (própria ou da entidade tutelar), uma Biblioteca organizada segundo os critérios biblioteconómicos e equipamento informático com o respectivo «gestor técnico».

E distante, ou melhor, peculiar, no que toca à natureza do trabalho investigativo a desenvolver e do processo formativo a adoptar.

A Arquivologia é a ciência que descreve o aparato, reconstitui a estrutura produtora (nos planos orgânico e funcional) e salvaguarda/difunde o conteúdo do documento orgânico.

No plano da investigação arquivológica devem existir tantos Laboratórios, quantas as principais componentes disciplinares da Arquivologia adiante enunciadas.

Finalmente, no plano da formação, as metas a atingir impõem-se a curto e a médio prazo. De imediato, podiam ser pensados não só ciclos de

conferências sobre problemas teóricos candentes, mas também debates críticos sobre todas as disciplinas tradicionalmente metidas com a Arquivística no obsoleto cabaz das chamadas «ciências auxiliares» da História. A médio ou longo prazo terá de ser encarada a possibilidade de autonomizar a variante Arquivos dos actuais Cursos de Especialização em Ciências Documentais ou criá-la de raiz onde este último não exista, a fim de preparar, já não especialistas em técnicas de recuperação de informação documental, mas sobretudo «eruditos funcionais», ou seja, profissionais e investigadores da Arquivologia, a quem se exija um profundo conhecimento sobre a inter-disciplinaridade onde germina esta ciência.

Tentativa formal de fixar a prática arquivística num todo coerente que a torne inteligível.

Arquivologia *versus* Arquivística

Do exposto deduz-se, pois, facilmente a ruptura epistemológica que me fez procurar na Arquivologia aquilo que a Arquivística não me conseguiu dar, não obstante certas aparências e esforços (como os de Aurelio Tanodi e Elio Lodolini), a saber: os argumentos abonatórios da sua condição intrínseca de ciência

(com um objecto e um método precisos).

O CEA configura-se, assim, como uma infraestrutura destinada a preparar uma profunda remodelação conceptual e prática.

o Mesmo apreciando bastante o esforço epistemológico de Tanodi, o qual se interrogou sobre se a Arquivologia era uma ciência ou uma mera disciplina técnica, admito ter ficado insatisfeito com a conclusão a que ele chegou, depois de seguir um percurso lógico semelhante ao meu. Tanodi concluiu tratar-se «de uma disciplina auxiliar ou funcional da administração e da história, que se refere à criação história, organização e funções dos arquivos, e seus fundamentos legais e jurídicos» (Cf. *Manual de Archivologia Hispanoamericana. Teorias y Principios*, Primera Parte, p. 42). Esta conclusão parece-me possível de ser revista e para isso há que levar o trabalho epistemológico até às últimas consequências, sendo o Centro de Estudos Arquivológicos (CEA) a sede própria para esse fim. O CEA configura-se, assim, como uma infraestrutura destinada a preparar uma profunda remodelação conceptual e prática e a fixar a Arquivística como peça de um *puzzle* científico mais vasto e complexo. Portanto, ele mais não é do que um meio de explorar eficazmente a

segunda prioridade atrás enunciada e que, na fase final do meu estágio, se tornou, de facto, o tema principal da reflexão feita com o Prof. Bruno Delmas.

Após algumas tentativas pude preparar um texto que, por um lado, condensasse as ideias até aí obtidas e, por outro, estimulasse o debate das questões mais delicadas e difíceis. É um texto bastante imperfeito e incompleto, mas que representa um importante esforço com vista a uma efectiva revisão conceptual. Impõe-se aqui, por isso, a sua transcrição integral, seguida das correcções e avanços obtidos depois.

Abordagem epistemológica da Arquivologia em esquema.

1º Passo

O objecto material ou assunto-base assenta no «nó» DOCUMENTO ORGÂNICO-ARQUIVO (na origem desta palavra está o termo grego *archéon*, que significa a acção do magistrado). Este «nó» compreende duas dimensões dentro de uma articulação essencial entre o registo e a sua instituição produtora (pública ou privada, colectiva ou singular):

A — documento orgânico (ou Arquivo) histórico/definitivo;

B — documento orgânico (ou Arquivo) administrativo/corrente [entre as duas fica uma zona intermédia, co-

nhecida também por «pré-arquivagem»]. Estas dimensões têm implicações essenciais: ao *nível prático* — resposta às necessidades concretas = a Arquivística em sentido restrito, que quer dizer o trabalho directo com a grande massa documental acumulada (o respeito pela proveniência orgânica dos fundos, a organização decorrente desse princípio, a triagem, a classificação, etc.); e ao *nível teórico* — compreensão sistemática de todo o material com que se trabalha, obtida no plano da estrutura antiga dos Arquivos e da Administração, da Gestão Documental e Informática na Administração Actual ou ainda da Edição Sistemática de Fontes.

O objecto material ou assunto-base assenta no «nó» DOCUMENTO ORGÂNICO-ARQUIVO.

2º Passo

A natureza de um tal assunto ou objecto material implica a existência de um campo interdisciplinar muito forte e nítido (mas, entenda-se, falo apenas de visinhança estreita) fixada,

entre outras, nestas áreas disciplinares:

- a história — História das Instituições e do Direito
- a história e a natureza da escrita — Filologia, Paleografia, Diplomática
- a importância documental (orgânica) dos selos — Sigilografia
- a importância documental (orgânica) dos brasões — Heráldica
- as novas tecnologias ao serviço da Informação — Informática e ciências do Áudio-Visual
- as incidências e problemas sociais da Informação — Sociologia
- os problemas e técnicas de conservação dos suportes — ciências Físico-Químicas
- os documentos não-orgânicos — Bibliografia, História do Livro, Codicologia.

A natureza de um tal assunto ou objecto material implica a existência de um campo interdisciplinar muito forte e nítido.

3º Passo

O Método. Podemos chamar-lhe POSITIVO, no sentido preciso de uma certa heurística associada à análise descritiva e sincrónica/diacrónica do documento orgânico (antigo, moderno e contemporâneo).

O MÉTODO POSITIVO permite uma grande objectividade, porque se cola ao documento orgânico e tenta apanhar-lhe as raízes. A reconstituição deste «contexto radical» faz nascer a possibilidade da interpretação. Uma interpretação pouco ideológica e muito mais retrospectiva, ou seja, ela assemelha-se a uma leitura situada no tempo exacto das coisas como se pode ver nos documentos (sua forma, seu aspecto material e, claro está, seu conteúdo).

O MÉTODO POSITIVO permite uma grande objectividade, porque se cola ao documento orgânico e tenta apanhar-lhe as raízes.

Enquanto o historiador busca um passado vivo nos documentos e os interroga a fim de equacionar as dúvidas, os erros e os mistérios, o arquivólogo tenta pôr-se no dito contexto épocal (isto é, no tempo próprio e na extensão ambiental concreta) dos documentos orgânicos com vista a realçar, através de uma descrição rigorosa, todas as indicações claras aí existentes. O arquivólogo ordena e descreve os documentos [no nível prático ou arquivístico] para conhecer a sua *razão de ser* [e isto é plenamente o nível teórico e nomotético] no seio da vida dos homens, das instituições, numa palavra da sociedade.

Notas finais (bibliográficas):

Sobre a natureza e o modo de aplicação do referido Método sugere-se o paradigmático texto de Bruno DELMAS, *Révolution industrielle et mutation administrative: l'innovation dans l'administration française au XIX siècle*. [Paris: Ed. CDU & SEDES, 1985], para além da leitura de outros textos do mesmo autor: «Au-delà de l'écrit», Henri-Jean MARTIN, *Histoire et pouvoirs de l'écrit*. Paris: Perrin 1988, p. 425-469 [notas, p. 498-499] e «Communication écrite et gestion des archives aux XIX^e siècles. Reflexion sur la situation française», *Revue Maghrébine de Documentation*, Tunis (3) Mars 1985, p. 83-96.

Leitura assaz estimulante para uma definição mais rigorosa do que designamos acima por *contexto épocal dos documentos orgânicos*, é a do texto, injustamente pouco conhecido, de Carlo LAROCHE, *Que signifie le respect des fonds? Esquisse d'une archivistique structurale*. Paris: Association des Archivistes Français, 1971 (Supplément au n.º 73 de *La Gazette des Archives*).

Entre este discurso incipiente e a versão definitiva de um «manifesto» que tenciono elaborar com o Prof. Bruno Delmas, ocorreram, entretanto, alguns saltos qualitativos no sentido de uma representação mais exacta do conteúdo disciplinar da Arquivologia e da formulação de uma definição provisória, que acho oportuno incluir aqui.

Sobre o conteúdo disciplinar da Arquivologia distingo com clareza várias componentes ou níveis temáticos que se interpenetram, consubstanciando, assim, o objecto global desta ciência. São ao todo seis:

- Arquivística (teoria e prática): nível técnico onde se garante, através de um conjunto de regras e de instrumentos concretos (guias, repertórios, inventários, etc.), a salvaguarda da documentação orgânica e a sua difusão ou comunicabilidade;
- Organização e métodos do trabalho administrativo: nível prospectivo, muito influenciado por disciplinas como o Direito Administrativo ou a Gestão Empresarial, onde se recenseiam, testam, concebem e gerem modelos orgânicos próprios do circuito documental/administrativo;
- Análise institucional: nível reconstrutivo que toca a raia da História das Instituições ou da História do Direito e onde se opera a reconstituição estrutural da entidade produtora (seja uma instituição ou um indivíduo) a partir da descrição rigorosa (método *positivo*) da massa documental respectiva;
- Informática e Arquivologia: nível tecnológico onde se produzem aplicações informáticas tendentes a facilitar todo o trabalho arquivológico (desde o

nível arquivístico até ao didáctico);

— Edição sistemática de séries documentais: nível aberto à publicação do documento orgânico segundo procedimentos formais que permitam um acesso crítico e profundo por parte dos mais diversos especialistas que a ele precisem de recorrer;

— Didáctica nos Arquivos: nível experimental onde se simulam e aplicam, para as camadas mais jovens, processos de iniciação e de aprendizagem às múltiplas virtualidades do património documental orgânico.

O nível da Arquivística, dado o peso real que tem na constituição da ciência arquivológica, merece uma referência especial. Parece-me, com efeito, importante salientar que a sua integração no objecto próprio da Arquivologia se faz sem a perda de nenhuma das extensões teórico-práticas postas até hoje em evidência por arquivistas de diversas latitudes:

— teoria arquivística: parte normativa decorrente do apuramento contínuo do trabalho organizativo;

— aplicação arquivística: procedimentos práticos implicados no referido trabalho organizativo.

— tecnologia aplicada: informática, microfilmagem, reprogra-

fia, conservação e restauro ao serviço da produção, protecção e/ou recuperação da informação documental;

— organização e planeamento dos arquivos: aspectos relativos ao funcionamento global do Arquivo, entendido este como o «lugar onde são depositados os documentos orgânicos».

Posto isto, resta-me apresentar uma definição provisória, da Arquivologia para que se precipite o amplo debate, que urge fazer doravante, sobre a sua validade epistemológica.

A Arquivologia é a ciência que descreve o aparato, reconstitui a estrutura produtora (nos planos orgânico e funcional) e salvaguarda/difunde o conteúdo do documento orgânico, ou seja, do Arquivo enquanto «conjunto orgânico de documentos constituído por uma pessoa singular ou por um organismo, no exercício e em função da sua actividade» (cf. Maria Fernanda MOUTA, *O Arquivo. Termos, Conceitos e Definições*. Viseu: Governo Civil, 1989, p. 43) e ainda, naturalmente, enquanto «local ou organismo preparado especificamente para o depósito definitivo e a consulta pública».

Notas finais

Se há alguma novidade em tudo o que ficou dito, ela reside na perspec-

tiva (que ousei assumir inequivocamente) integradora de elementos até agora dispersos e frágeis do ponto de vista epistemológico. A definição exposta é, aliás, disto uma nítida prova: ela integra basicamente o património doutrinário tecido em torno da Arquivística pela maioria dos teóricos conhecidos desde o século XIX até à actualidade e a diferença — por certo significativa — que comporta resulta da tentativa formal de fixar a prática arquivística num todo coerente que a torne inteligível. A esse todo chamo ciência e creio não estar errado, embora reconheça que falta ainda fazer o essencial: sujeitar estas ideias a uma crítica exigente — teórica e prática —, na qual arquivistas, historiadores, especialistas em Administração se venham a empenhar. Até lá continuarei a defender o que me parece plausível e inevitavelmente a provocar o debate.

Notas

¹ Os principais títulos — todos deste século e na maioria de longa duração — consultados são: *Revue de l'Unesco pour la Science de l'Information, la Bibliothéconomie et l'Archivistique*; *Archivum. Revue Internationale des Archives* (Conseil International des Archives); *La Gazette des Archives*. Organe de l'Association Amicale des Archivistes Français; *Archives, Bibliothèques et Musées de Belgique*. Publication de l'Association des Conservateurs des Archives, Bibliothèques et Musées de Belgique; *Scriptorium. International Review of Manuscript Studies*, publiée avec le concours de la Fondation Universitaire Belgique;

Rassegna degli Archivi di Stato; Annali della Scuola per Archivisti e Bibliotecari dell'Università di Roma; Archives. The Journal of the British Records Association; Journal of the Society of Archivists; Business Archives. Edited by the Business Archives Council; *Bulletin of the John Rylands Library*. Manchester University; e *The American Archivist*. Published Quarterly by the Society of American Archivists.

² Destaco as publicações dos Archives Nationales (vistas na Biblioteca da Escola a partir do *Catalogue 1988 Archives de France*), as do Centre de Recherche en Documentation, Bibliothéconomie et Archivistique de Tunis, todas as notícias impressas sobre a *Archivschule Marburg*, os trabalhos (livros e artigos ou separatas) de Bruno DELMAS (só e em colaboração), alguns manuais de difícil acesso em Portugal como a obra clássica *Archivistica* (1928) de Eugénio CASANOVA, a famosa *Archivkunde* [...] (1953) de Adolf BRENNEKE, os conhecidos estudos do americano Theodore SCHELLEMBERG ou o *Manual de Archivologia Hispanoamericana. Teorias y principios* (1979, em 3 volumes policopiados) do argentino Aurelio TANODI, e ainda certas Miscelâneas, actas de Seminários e obras colectivas de reconhecido interesse teórico, a saber: a *Miscellanea Archivistica Angeli Mercati* (1952); a *Miscellanea Carlos Wyffels* (1986); as actas dos Seminários *Gli Archivi per la Storia Contemporanea. Organizzazione e Fruizione* (1986) e *Informatiche e Archivi* (1986); e a colectânea *De Archivos y Archivistas. Homenaje a Aurelio Tanodi* (1987).

³ Esta operação tem sido tratada, no nível arquivístico e particularmente em França, com preocupante artificialidade. Um Quadro de Classificação visa, em geral, tornar acessível um FUNDO aos utilizadores do arquivo através de tópicos (ou secções) aparentemente orgânicos e/ou funcionais. Digo aparentemente porque em muitos dos casos eles não resultam, de facto, da descrição rigorosa (entenda-se: arquivológica) do respectivo FUNDO. Daí que me atreva a duvidar da prioridade até agora dada à elaboração desse Quadro, em detrimento de um exaustivo trabalho arquivológico.

INSTITUCIONAIS • EXPERIÊNCIAS • PROBLEMAS